

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

www.sintufjrj.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

FASUBRA CUT

A GREVE CONTINUA

Com a categoria mobilizada e nas ruas



Foto: Emanuel Marinho

ATO, dia 29, em frente do IPPMG

Ato unificado dos SPFs

Nesta terça, 5 de julho, é dia de ato unificado dos servidores públicos federais. Todos à Cinelândia, às 14h.

Dia nacional de mobilização da CUT

Na quarta, dia 6, é a vez do dia nacional de mobilização da CUT. A concentração será na Candelária, às 16h30.

Nossa greve precisa de visibilidade. Precisamos ultrapassar os muros da universidade. Neste ato da CUT, faremos, de ponta a ponta do país, atos conjuntos com outras categorias, como bancários, metalúrgicos, petroleiros, que se solidarizam com a nossa luta. Vamos tingir o país de vermelho com as propostas e bandeiras da CUT.

Próxima assembleia

Dia 6 de julho, quarta-feira, no auditório do Quinhentão, às 10h

Levi é nomeado reitor da UFRJ

Na quarta-feira, 29, foi publicado no *Diário Oficial* o decreto com a nomeação de Carlos Levi para o cargo de reitor da UFRJ. A solenidade de transmissão do cargo será no dia 8 de julho, sexta-feira, às 10h, no auditório do CT. O evento é aberto à comunidade. PÁGINAS 10 E 11

Fiscais do Coren no HU

A pedido do SINTUFRJ, 12 fiscais do Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro vistoriaram, no dia 30, o Hospital Universitário, acionados em virtude do ambiente de intranquilidade, agravado quando os profissionais constataram novas fissuras na estrutura do 12º andar. PÁGINA 12

Seleção para a UFRJ será 100% pelo Enem

Numa decisão histórica, o Consuni aprovou em sessão especial no dia 30 de junho, por ampla maioria, a adoção do Exame Nacional do Ensino Médio para preenchimento de 100% das vagas da UFRJ, acabando de vez com seu vestibular. PÁGINA 6

DOIS PONTOS



Ciclo de Debates Poder, Socialismo e Democracia

De 12 a 14 de julho no auditório da CUT-RJ – Av. Presidente Vargas, 502/15º – Centro-RJ

■ 12/7 – terça-feira

● 18h30 – “As idéias predominantes na Comuna de Paris”
Marcus Lanoni

● 19h15 – “Uma análise do contexto histórico/político da Comuna de Paris”

Virgínia Flores

● 20h – Debate

■ 13/7 – quarta-feira

● 18h30 – “As Comunas e as barricadas de hoje: A resistência dos trabalhadores e a luta classes, hoje”

Helder Molina

● 19h15 – “A luta de classes, hoje: O que temos a aprender com a Comuna de Paris”

Esther Kuperman

● 20h – Debate

■ 14/7 – quinta-feira

● 19h – “História, memória e documento: Documentários sobre a Comuna de Paris”



Dia: 8/7/2011 – sexta-feira

A partir das 16h30 no Grêmio da COPPE – Centro de Tecnologia – bl. H, fundos

Presença da Banda de Forró “Louca Sedução”

Seminário sobre Relações de Trabalho

O público-alvo são dirigentes e militantes de sindicatos cutistas ou de oposições sindicais reconhecidas.

Inscrições gratuitas e restritas aos trabalhadores(as) filiados aos sindicatos ou membros de oposições sindicais reconhecidas

Módulo I – Sempre às 18h30

5/7 – Resgate Histórico das Relações de Trabalho e da Organização Sindical no Brasil

Palestrante: Helder Molina (historiador e assessor de formação – CUT-RJ)

6/7 – Marcos Jurídicos da Jornada de Trabalho no Brasil

Palestrante: Rudi Cassel (assessor

jurídico do Sisejufe)

7/7 – Aspectos Políticos da Luta pela Jornada de Trabalho no Brasil
Palestrante: Roberto Ponciano (diretor de Formação da CUT/RJ)

Módulo II

12/7 – Divisão Social do Trabalho no Brasil

Palestrante: Paulo Jardel (assessor do Dieese)

13/7 – Precarização das Relações de Trabalho no Brasil

Palestrante: Dary Beck (dirigente da executiva da CUT Nacional)

14/7 – Assédio Moral nas relações de Trabalho

Palestrante: Étila (presidente do

Sindicato dos Psicólogos/RJ)

Informações:

Secretaria do Sintrasef – sintrasef@sintrasef.org.br – tel.: 2220-8049

Secretaria de Formação do Sisejufe – formacao@sisejufe.org.br – tel.: 2215-2443

Inscrições:

Secretarias de Formação e Relações de Trabalho da CUT-RJ
formacao@cutrj.org.br – tel.: 2196-6700

Local:

Auditório do Sintrasef-RJ
Avenida 13 de Maio, 13, 10º andar – grupo 1007 – Centro/RJ

Nossos Direitos

VPNI

O SINTUFRJ noticiou na edição nº 956 o corte da rubrica Vantagem Pessoal Nominalmente Identificada – VPNI – de diversos servidores da UFRJ. O SINTUFRJ esclarece que o referido corte refere-se exclusivamente a um determinado grupo de servidores e que os envolvidos receberão notificações encaminhadas pela Reitoria. O servidor incluído nesta situação deverá exercer o seu direito de defesa administrativa, buscando a manutenção do pagamento e a não reposição ao erário. Independentemente do encaminhamento individual, o

SINTUFRJ já protocolou no dia 27/7/2011 requerimento com pedido de vista e cópia do procedimento administrativo, bem como prazo para apresentação de defesa coletiva dos seus associados. Os servidores que possuem a rubrica VPNI nos contracheques e que não receberam a notificação da Reitoria não estão alcançados por esta medida administrativa e estão dispensados de apresentar defesa. O SINTUFRJ a partir da quarta-feira – 6/7/2011 obterá a listagem completa dos servidores envolvidos para a verificação nominal daqueles abrangidos pela decisão.

Dívidas prescritas: atenção para seus direitos

Empresas de cobrança, bancos, financeiras e administradoras de cartões de crédito constantemente cobram os consumidores por dívidas prescritas. Muitas vezes estas instituições inserem o nome do consumidor indevidamente nos cadastros restritivos de crédito.

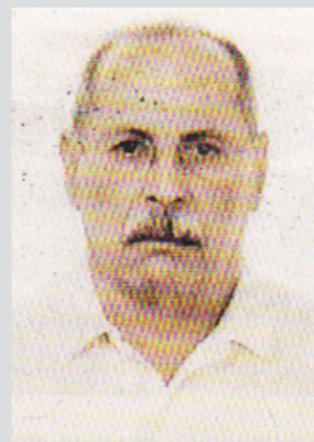
É importante saber que o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro já decidiu que dívidas e registro em cadastro de devedores prescrevem em três anos. Para quem está nesta situação, a notícia é boa, porque não será preciso esperar os cinco anos, anteriormente previstos, para pedir baixa na negativação. Entretanto, se o consumidor pagou uma dívida já prescrita não pode pedir o dinheiro de volta.

Se o devedor assinar docu-

mento fazendo uma renegociação, acordo, confissão de dívida, reescalonamento, parcelamento, ou seja lá qual for o nome dado, a dívida anterior é extinta e é criada uma nova dívida e, neste caso, **o nome do devedor deve ser retirado dos cadastros negativos (SPC, Serasa etc.) após o pagamento da primeira parcela.** Não sendo, o consumidor pode entrar com ação de indenização contra a empresa.

Todavia, nos casos de renegociação da dívida deve-se ficar bem atento ao fato do acordo não ser pago nas datas em que foi negociado, porque o nome do consumidor pode ser incluído novamente nos órgãos de restrição e o prazo de 3 anos passará a contar novamente da data em que deixou de ser pago o acordo e não da data da dívida anterior.

Nota de Falecimento



A pedido da família e de amigos, comunicamos o falecimento do servidor aposentado **Agamenon Gonçalves da Silva**, em 15/6/2011. Ele tinha 71 anos e trabalhou durante toda a sua carreira no Instituto de Neurologia Deolindo Couto como técnico em reabilitação, e sempre foi muito admirado pelos colegas de trabalho. Foi sepultado no dia 16 no Cemitério São João Batista.

UFRJ NA GREVE

Greve continua na universidade

A assembleia na terça-feira, dia 28, no auditório do CT, aprovou a continuação da greve iniciada na UFRJ em 14 de junho e que, nacionalmente, já conquistou a adesão de 48 universidades federais da base da Fasubra.

Os presentes também aprovaram moção de repúdio contra qualquer iniciativa de judicialização da greve e deliberaram pela participação da categoria em todas as atividades promovidas durante a greve, e que o Comando Local de Greve (CLG) auxiliará na organização das ações. Foi definido ainda que as matérias sobre a greve publicadas no Jornal do SINTUFRJ serão aprovadas por membros da Comissão de Comunicação do CLG.

A discussão sobre fundo de greve que estava pautado para esta assembleia foi adiada para a próxima, como ponto prioritário de pauta.

Esta assembleia contou com a presença do presidente da CUT-Rio,

Darby Igaiara, da dirigente da CUT nacional, Lúcia Reis, do diretor da Fasubra, Pedro Rosa, e de um companheiro do movimento dos bombeiros. Outro destaque foi a expressiva participação de funcionários da Creche da UFRJ e de pais de alunos: todos em greve.

Avaliações

A avaliação da greve foi feita com base no informe de greve (IG) da Fasubra do dia 22 de junho (o último até aquela data produzido pela Federação), que transcreve a fita com o diálogo entre a Fasubra e o ministro da Educação, Fernando Haddad. O texto foi lido integralmente na assembleia, e a proposta do ministro de os técnicos-administrativos suspenderem a greve em troca de um calendário “com princípio, meio e fim” para retomada do diálogo e reabertura de negociações foi totalmente rejeitada. A categoria entende que o go-

verno não estava negociando, mas enrolando, e foi isso o que levou à deflagração nacional do movimento grevista.

Estava prevista para esta terça-feira, 5 de julho, a abertura de negociações entre o governo e o conjunto dos servidores públicos alinhados à Coordenação Nacional de Entidades dos Servidores Públicos Federais. Segundo informou a coordenadora-geral do SINTUFRJ e vice-presidente da CUT-Rio, Neuza Luzia, “a Central já se pronunciou nacionalmente que nesse dia irá falar com veemência ao governo para que reabra as negociações com a Fasubra”.

O diretor da Fasubra, Pedro Rosas, informou que o Comando Nacional de Greve (CNG) avaliou que a greve deve continuar, porque o movimento está crescendo nos estados. Ele acredita que o governo “deve responder à categoria no dia 5 de julho”, e a orientação é para

realização de mobilizações locais.

Lúcia Reis, dirigente da CUT nacional e que participa da mesa de negociações com o governo e com outras categorias dos servidores públicos federais (SPFs), informou que três assuntos constam da pauta com o governo: “PLP 588, que altera os fundos de pensão, numa tentativa de reverter o que foi imposto; fim da MP 549, que impõe congelamento salarial aos servidores públicos; e MP 248, de FHC, que acaba com a estabilidade do funcionalismo”.

Apoio

O presidente da CUT-Rio, Darby Igaiara, manifestou o apoio da Central à luta da categoria: “A CUT não vai aceitar congelamento de salários. Temos hoje duas categorias federais importantes em greve: os técnicos-administrativos em educação e a justiça. O governo tem que ouvir e fazer acordo. Nosso papel de

Central é garantir visibilidade e acordo. Não vai ser o governo da Dilma que ajudamos a eleger que irá nos derrotar. Vamos enfrentar, tomar as ruas, fazer discussão. Na mídia e dentro do próprio governo corre que a inflação está aumentando, portanto, não pode haver aumento real de salários. Mas ninguém, nem Dilma e nem Lula vão impor isso a gente”. Ele convocou os trabalhadores a aderirem em massa à caminhada do dia 6 de julho, quarta-feira, na Candelária, “para garantir a visibilidade da greve”.

O futuro pró-reitor de Pessoal e técnico-administrativo, Roberto Gambine, informou na assembleia que a partir daquele dia estaria estampada na página da PR-4 na internet a moção de apoio à greve aprovada no Consuni. “A PR-4 estará vigilante para que nenhum servidor sofra retaliações no exercício constitucional de greve”, reafirmou o superintendente de Pessoal.

Fotos: Emanuel Marinho



PEDRO, Lúcia, Neuza e Gerly compuseram a mesa da assembleia da categoria realizada no dia 28, no auditório do CT: a greve continua



Assembleia e apitação na Reitoria

Na quinta-feira, dia 30 de junho, a assembleia de avaliação da greve foi no hall da Reitoria, às 10h, seguida de apitação no prédio. Os técnicos-administrativos percorreram os oito andares distribuindo panfletos e adesivos da greve aos colegas que insistem com o esquema de paralisação por plantão.

Mais uma vez, a direção sindical e o Comando Local de Greve reafirmaram, na assembleia, que os trabalhadores em estágio probatório têm amparo legal e institucional para exercerem seu legítimo direito de greve. E chefe algum poderá avaliar mal um funcionário em retaliação à sua adesão ao movimento, seja ele recém-concurado ou não.

“O SINTUFRJ está pronto para recorrer em caso de denúncia de trabalhador que se sentir mal-avaliado pela chefia. O chefe terá que explicar e justificar a nota baixa dada em qualquer item da avalia-

ção de desempenho. O funcionário tem direito de discordar do chefe”, afirmou Vânia Glória, coordenadora do Sindicato.

Participar é fundamental

Num movimento grevista que almeja a vitória há muitas tarefas a serem realizadas. Portanto, quanto mais gente participar do Comando Local de Greve, mais organizadas e dinâmicas serão as ações deflagradas para chamar a atenção do go-

verno e da sociedade. Este foi um dos apelos feitos na assembleia pela militância. Outro, foi pelo fortalecimento da greve, e um desafio foi lançado: cada um dos presentes deve levar pelo menos um colega do setor à próxima atividade.

A defesa intransigente dos hospitais universitários, ameaçados de serem gerenciados por uma empresa privada, também levou muitos companheiros ao microfone aberto à categoria na assembleia.



APITAÇÃO nos corredores da Reitoria

Informes das unidades

Na Faculdade de Educação, 98% dos profissionais estão parados e buscando a adesão de outras unidades ao movimento. Funcionários do Hospital São Francisco de Assis (Hesfa) solicitaram reunião do CLG na unidade.

Em Macaé, embora cem por cento dos trabalhadores tenham aderido à greve, existe o temor de enfraquecimento do movimento devido pressão das chefias. Em virtude disso, os companheiros pediram o apoio de todos da UFRJ para que possam dar continuidade ao movimento. Lá, a maioria dos TAEs são recém-concurados.

Os trabalhadores do Instituto de Psiquiatria se reuniram com o CLG na segunda-feira e informaram que estão diminuindo o ritmo de trabalho administrativo e da secretaria acadêmica. Eles solicitaram a impressão de panfletos para distribuírem aos usuários dos serviços da unidade.



UFRJ NA GREVE**TERÇA, 5 DE JULHO, É DIA DE MANIFESTAÇÃO UNIFICADA DOS SERVIDORES FEDERAIS!****TODOS À CINELÂNDIA, ÀS 14h!****Primeira reunião do Comando Unificado das Ifes no Rio de Janeiro organizou a manifestação unificada dos servidores federais em nosso Estado**

Na última quarta-feira, 29 de junho, ocorreu no IFCS a primeira reunião do Comando Unificado das Universidades Federais em greve no Estado do Rio de Janeiro. Além das representações dos Comandos Locais que compõem este Comando Unificado Estadual (UFRJ, UFRural-RJ, UFF e UniRio), estiveram presentes também representantes da CSP-Conlutas, Sinasefe, Bombeiros e DCE-UFF, que deixaram suas saudações ao nosso movimento e passaram os informes de suas bases. Também prestou solidariedade à nossa greve uma representante do PSOL.

Após os informes da situação da greve nas bases de cada universidade, o Comando Estadual Unificado organizou a manifestação unificada dos servidores federais no Rio de Janeiro. O ato acontecerá simultaneamente em diversos estados, no momento em que o Ministério do Planejamen-

to receberá os servidores federais em Brasília para discussão da pauta conjunta de reivindicações. Aqui no Rio o ato será na Cinelândia, às 14h desta terça-feira, 5 de julho. Após concentração e panfletagem à população, a manifestação seguirá até o MEC.

É muito importante que a base dos servidores técnico-administrativos em educação da UFRJ compareça em grande peso a manifestação, que marca a entrada em cena da base de outras categorias do funcionalismo na mobilização contra o arrocho salarial do governo Dilma e em defesa do Serviço Público com qualidade.

O dia 5 de julho foi escolhido como data para a paralisação de todos os funcionários públicos federais. Esta foi a deliberação da plenária da CNESF de 19 de junho, que contou com a presença de 83 delegados de 10 entidades dos servidores federais, in-



Foto: Emanuel Marinho

PRIMEIRA reunião do comando unificado foi no dia 29, no IFCS

cluída aí a Fasubra. No Rio de Janeiro, além das quatro Ifes do estado, já confirmaram paralisações em suas bases e presença no ato deste dia 5 o Sinasefe (Colégio Pedro II e Escolas Técnicas) e o Andes (docentes das Ifes).

Mobilização e transporte

Na terça-feira, dia 5, haverá panfletagem aos estudantes, às 11h, no Restaurante Universitário Central. Após a atividade, será disponibiliza-

do transporte para o ato unificado dos servidores federais, saindo às 13h em frente da EEFD, com destino à Cinelândia. Compareçam!

Todos juntos, no dia nacional de mobilização da CUT**Todos na Candelária no dia 6 de julho às 16h30**

Nesta quarta-feira, dia 6, em todo o país, milhares de trabalhadores de diversas categorias, bancários, metalúrgicos, petroleiros, dos setores público e privado, sairão às ruas atendendo ao chamado da CUT para um grande ato nacional, para brigar pelas bandeiras da Central mas também para se solidarizar com as nossas lutas.

Neste dia, estaremos todos unidos nesse grande ato. Precisamos le-

var nosso movimento para fora dos muros da universidade, dar visibilidade às nossas reivindicações. Por isso a importância desse ato conjunto.

A mobilização servirá como pontapé inicial para as campanhas salariais da Central no segundo semestre. Neste dia, a CUT levará para as ruas um conjunto de reivindicações, englobando três eixos-trabalho e sindicalismo, alimentação e educação.

Trabalho e sindicalismo – Vamos lutar pela redução da jornada para 40 horas semanais sem redução de salário; por liberdade e autonomia sindical; pelo fim do Imposto Sindical; pela implantação da Contribuição Negocial, aprovada em assembleia soberana dos trabalhadores; pelo combate às práticas antissindicais e pelo fim do Fator Previdenciário. Vamos também combater a precariza-

ção e a terceirização.

Educação – Defendemos a ampliação da educação no campo, o Plano Nacional de Educação; a destinação de 10% do PIB brasileiro para a educação e qualificação profissional permanente para nossos docentes.

Alimentação – Os trabalhadores cutistas defendem a reforma agrária; o fim da concentração de terras; a PEC do Trabalho Escravo e comida mais barata na mesa de

todos os brasileiros. Vamos lutar contra os agrotóxicos e contra o modelo agrário atual – queremos a ampliação dos recursos para a agricultura familiar, que é responsável por 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros. Para nós, o agronegócio tem um financiamento desproporcional à quantidade de alimentos que produz e precisamos reverter este quadro.

Fonte: CUT RJ

UFRJ NA GREVE

Todos de preto em defesa dos HUs

Um abraço no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), na quarta-feira, dia 29 de junho, na Cidade Universitária, simbolizou a luta dos trabalhadores da UFRJ em defesa dos hospitais universitários. Os HUs são instituições que atendem a população oferecendo um serviço de alta qualidade, formam novos profissionais de saúde e realizam pesquisa, descobrindo tratamentos para doenças complexas.

A manifestação foi organizada pelo Comando Local de Greve e reuniu dezenas de trabalhadores, a maioria do IPPMG. Os manifestantes vestiram roupas na cor preta e abriram uma enorme faixa de pano na cor escura, para demonstrar que estavam de luto pelos HUs. Porque continua pairando sobre essas unidades de saúde a ameaça de passarem a ser administradas por uma das Empresas Brasileiras de Serviços Hospitalares S.A. (EBSERH) que o governo pretende criar nos próximos meses.

Perigo iminente

O ato contou com a participação de alguns usuários do IPPMG que, através dos panfletos distribuídos pela categoria, ficaram sabendo as razões pelas quais os técnicos-administrativos da UFRJ decretaram greve e das intenções do governo em privatizar os HUs.

Depois de caducar no Senado a MP 520, que dava poderes ao governo para criar a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares S.A. (EBSERH), o governo enviou à Casa Civil, em caráter de urgên-

cia, urgentíssima, um projeto de lei que garante a implantação dessas empresas, que será encaminhado ao Congresso Nacional que terá um prazo de 90 dias, para que administrem e controlem os hospitais universitários no país. De acordo com o texto do projeto, os novos trabalhadores dos HUs serão celetistas e sem qualquer vínculo com as universidades. O que não se sabe, ao certo, é o tratamento que será dispensado aos atuais funcionários das unidades hospitalares.

Os técnicos-administrativos também temem que com a desvinculação dos HUs do Ministério da Educação caia a qualidade da formação dos novos profissionais de saúde. Atualmente, a UFRJ é considerada a melhor no país na preparação desses profissionais.

Esse temor se torna ainda mais concreto pelo fato de a EBSERH poder firmar convênios com instituições particulares, como laboratórios (multinacionais) e universidades públicas e privadas. Ou seja, os hospitais-escolas da UFRJ passarão a atender estudantes de faculdades de medicina que não contam com HUs. E todo investimento feito na pesquisa obedecerá à lógica de mercado, que vislumbra sempre o lucro financeiro.

O diretor em exercício do IPPMG, Bruno Leite Moreira, leu uma moção de apoio da direção da unidade à greve da categoria.

Direitos

Os profissionais de saúde presentes à manifestação denuncia-

ram que a partir de 1º de julho os adicionais de plantão hospitalar (APHs) seriam controlados por ponto eletrônico, por decisão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), e que o MEC acatou. Durante o ato, a categoria decidiu levar o proble-



ma ao Conselho Universitário e solicitar a aprovação de uma moção endereçada ao ministro da Educação, Fernando Haddad, informando que a UFRJ é contra o ponto eletrônico nos hospitais.

Depois do ato no portão principal do IPPMG e do abraço à unidade, os manifestantes seguiram em passeata até a frente do Hospital Universitário Clementino Fra-

ga Filho (HUCFF) e a Faculdade de Odontologia. Dali, a próxima ação foi nos corredores do Centro de Ciências da Saúde (CCS). A categoria promoveu um apitão e cantou o hino da mobilização na UFRJ na tentativa de despertar a consciência dos trabalhadores do CCS, cuja maioria teima em ignorar a greve, abrindo mão de lutar por um salário melhor.



Monarco anima ato-show na Praia Vermelha

Ato Show no início da noite do dia 30 na Praia Vermelha, reuniu Monarco, Velha Guarda da Portela, Maira Freita (filha de Martinho da Vila) e banca de alunos da Escola de Música. O ato encerrou evento que debateu os problemas

da Praia Vermelha e foi uma convocação para a paralisação dos docentes no dia 5 (ratificada na assembleia do segmento no dia 30) e também do ato conjunto dos servidores públicos federais.

O representante do CLG fez uso

da palavra explicitando os motivos da greve dos técnico-administrativos, chamando o apoio dos alunos e docentes ao movimento e reforçando o chamado ao ato unificado dos servidores federais na próxima terça-feira, dia 5, às 14h, na Cinelândia.

Fotos: Emanuel Marinho



Polo vai virar campus e categoria elegerá representante

A direção do SINTUFRJ realizou na quinta-feira, dia 30, palestra no Polo de Macaé sobre a importância da representação dos técnicos-administrativos em educação nos órgãos deliberativos da universidade.

A intenção do Sindicato foi orientar a categoria, porque com a transformação do Polo em campus universitário, o que deverá ocorrer em breve, os trabalhadores elegerão representante para o Conselho Deliberativo.

Informação

A atividade do SINTUFRJ foi realizada no anfiteatro do Polo e teve como finalidade contar a história do movimento político-sindical dos técnicos-administrativos: as lutas travadas para conquistas de espaços nos órgãos

superiores e de decisão da universidade. A preocupação da diretoria da entidade é socializar com os recém-concursados, que compõem a maioria do quadro de pessoal de Macaé, o conhecimento sobre a estrutura da UFRJ e a história da categoria de lutas da categoria. O palestrante foi o ex-diretor do SINTUFRJ Fortunato Mauro, e a coordenadora sindical Gerly Miceli conduziu o encontro.

Comissão

Em reunião anterior com o SINTUFRJ, os técnicos-administrativos de Macaé elegeram a sua Comissão Eleitoral. A tarefa da comissão é, com o Sindicato, apresentar uma proposta de regimento eleitoral para ser avaliada e aprovada em assembleia local.

COLEGIADOS

Decisão histórica põe fim ao vestibular

Em sessão extraordinária, Consuni toma decisão que ficará na História: a partir do próximo vestibular, a UFRJ destinará 100% das vagas ao Enem

Aloísio Teixeira, em sua última sessão presidindo o Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mudou por completo o sistema de acesso à UFRJ. No dia 30 de junho o Consuni aprovou, por ampla maioria, a adoção total ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) pela UFRJ, acabando de vez com seu vestibular. Os conselheiros avaliaram que o Enem é mais democrático para o acesso à UFRJ e ao ensino superior público do que o tradicional modelo da própria universidade.

O percentual de vagas destinadas à ação afirmativa, que era de 20% para estudantes da rede pública estadual com renda familiar per capita até um salário mínimo, foi ampliado para 30%. Já para 2012 o acesso aos cursos de graduação da UFRJ será feito pelo Enem e pelo Sistema de Seleção Unificado (SiSU), excetuando as vagas para os cursos que exijam Teste de Habilidade Específica (THE).

No vestibular 2011, a universidade ofereceu 9.060 vagas, sendo que 40% delas foram preenchidas pelo vestibular tradicional, 40% por meio do SiSU do MEC e 20% também pelo SisU, mas para candidatos do sistema de cotas.

Foi em 2009 que o MEC iniciou o projeto de substituição dos vestibulares tradicionais pelo Enem como forma de ingresso na universidade. De acordo com o resultado da prova, os alunos se inscrevem no SiSU e podem pleitear vagas em instituições públicas de ensino superior de todo o país.

No ano passado foram oferecidas 83 mil vagas em 83 instituições, sendo 39 universidades federais. As universidades, por sua vez, têm autonomia para utilizar o Enem de quatro modos: como fase única, com o SiSU; como primeira fase do vestibular, combinado com o vestibular da instituição ou como fase única para as vagas remanescentes.

Fotos: Emanuel Marinho



OS ESTUDANTES secundaristas defenderam que o vestibular da UFRJ fosse feito pelo Enem e propuseram para 50% as vagas para as ações afirmativas



AO SE DESPEDIR do Colegiado depois de oito anos de mandato, o reitor Aloísio Teixeira é aplaudido de pé pelos conselheiros das bancadas docente, técnico-administrativa e de estudantes, assim como e pelo público presente



Teixeira: avanço histórico

Aloísio Teixeira presidia pela última vez como reitor uma sessão do Consuni quando protagonizou uma vitória memorável com a aprovação da polêmica medida, considerada por muitos um avanço na democratização do acesso: 100% das vagas do próximo vestibular para a seleção através do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) que será realizado dias 3 e 4 de outubro, por meio do Sistema de Seleção Unificada SiSU do MEC; sendo que 30% delas serão destinadas a alunos de escolas públicas de famílias com renda per capita de um salário mínimo.

“Acho que foi um avanço histórico”, avaliou Teixeira, reconhecendo que a decisão não foi unânime: “A Universidade abriga múltiplos pensamentos e a gente tem que olhar isso com uma dose de realismo grande. Agora, acho que foi um passo importante. Principalmente para integrar a UFRJ nesse movimento de construção de um sistema nacional público de educação superior.”

“Primeiro, a UFRJ utilizou o Enem como etapa para selecionar aqueles que fariam o vestibular da UFRJ. No segundo ano, usamos o Enem/SiSU para 60% das vagas (40% ficaram para o vestibular próprio da UFRJ). E esse ano finalmente 100% de vagas serão selecionadas pelo Enem/SiSU.

Para o reitor, “a pior coisa que poderia ter acontecido é não nos colocarmos dentro deste movimento. Então, acho que essa decisão hoje tem esse sentido: a universidade participa deste movimento e vai usar o seu peso para que esse sistema da prova nacional única seja cada vez melhor, inclusive para retirá-lo da órbita do MEC e devolvê-lo às universidades”.

Teixeira avalia que, se o MEC realiza a prova única, isso acaba se constituindo numa questão de Estado, logo, uma questão política, mas no caso das universidades realizarem a prova, não. “Isso volta a ser uma questão acadêmica. O Exame tem que ser planejado, elaborado e aplicado pelas universidades. O Inep pode e deve participar, mas dentro do espírito de um evento de natureza acadêmica. A gente já teve duas vitórias nesse sentido: uma, o fato de as universidades hoje estarem participando de elaboração de questões para o banco de itens, que era uma reivindicação nossa. A outra é que não haja só um Enem por ano. O candidato faz dois exames, três, usa o do ano passado. De tal forma que possa escolher a melhor nota para disputar as vagas no ensino superior”, concluiu. Em entrevista ao Jornal do SINTUFRJ, Teixeira fez um balanço de sua gestão.

COLEGIADOS

Repúdio ao ponto eletrônico

O Conselho Universitário aprovou moção de repúdio à implantação do ponto eletrônico nos HUs. A iniciativa partiu da conselheira da bancada técnico-administrativa Neuza Luzia e a moção foi encaminhada pelo reitor Aloísio Teixeira com parecer favorável.

Segundo Neuza, esta foi uma atitude do MEC de ataque à autonomia e de ingerência na administração da universidade e dos HUs. Por isso, a importância da manifestação do colegiado máximo da universidade: “É inadmissível aceitar que o governo crie fóruns paralelos de decisão”, argumentou.

O reitor, ao encaminhar a votação ao final da sessão, reiterou a fala de Neuza dizendo,



A REPRESENTANTE técnico-administrativa propõe a moção de repúdio encaminhada pelo reitor com parecer favorável

inclusive, que a moção poderia ser até mais contundente. “Nós não fomos ouvidos. Querer implantar o ponto eletrônico a partir de uma decisão do MEC é muito complicado. Está em desacordo com artigo 207, que

determina que a universidade tem autonomia e de gestão administrativa. Não deve ser o MEC a dizer administrativamente como vamos controlar a frequência de nossos trabalhadores”, disse Aloísio.



Fotos: Emanuel Marinho

Moção de repúdio

“O Conselho Universitário da UFRJ reunido em 30/6/2011 aprovou repúdio ao ofício de 23/6/2011 encaminhado pelo MEC, que dá um ultimato para a implantação

do ponto eletrônico nos HUs, por considerar que esta iniciativa fere frontalmente a autonomia universitária garantida no artigo 207 da Constituição.”

Homenagem a Neuza Luzia

Um momento de emoção tomou conta da sessão extraordinária do Conselho Universitário no dia 30 de junho. Em reconhecimento à sua grande contribuição para a consolidação da universidade pública, gratuita e de qualidade em mais de 20 anos de militância, o colegiado aprovou, por aclamação, uma moção de louvor à dirigente do SINTUFRJ e representante técnico-administrativa no colegiado Neuza Luzia.

Os aplausos calorosos dos conselheiros deram a medida do apoio à proposta da homenagem, colocada no colegiado pela conselheira técnico-administrativa Risaneide Alves Cordeiro em nome de toda a bancada, Risaneide que apresentou um histórico de momentos marcantes da luta em defesa da universidade nos quais Neuza esteve sempre à frente. “A vida e a militância da jovem nutricionista do antigo bandeirão da Reitoria Neuza Luzia Pinto desnudou e forjou a firme e indispensável comandante da luta universitária que nos momentos difíceis, mesmo os seus, sempre esteve por perto. É essa mulher de fibra e coragem que merece reconhecimento e homenagem”, diz o documento.

A homenagem caiu como uma luva nesta sessão histórica do Conselho Universitário, presidido pela última vez por Aloísio Teixeira, em que foi decidido o acesso às vagas dos cursos de graduação em 2012 através do Enem. Neuza foi pega de surpresa, e muito emocionada se disse gratificada com a homenagem, afinal não é todo dia que o Conselho Universitário da UFRJ manifesta-se por aclamação.

A homenagem foi aprovada a exemplo de moções concedidas a outros servidores da UFRJ, como a do secretário do Consuni Ivan



EMOÇÃO: Risaneide lê o histórico com que a bancada homenageia Neuza



CONSUNI aprova moção de louvor sob palmas calorosas

Veja a moção:

“O Conselho Universitário decide aprovar esta Moção de Louvor à servidora Neuza Luzia Pinto, conselheira representante dos trabalhadores em educação neste colegiado, pelo reconhecimento de sua grande contribuição para a consolidação de uma univer-

Hidalgo, em reconhecimento por seu compromisso com a instituição, em 2006, e a do

sidade pública, gratuita, democrática e de qualidade e pelo seu compromisso com esta instituição em mais de vinte anos de militância, parte dos quais à frente da entidade representativa dos técnicos-administrativos em educação da UFRJ, o SINTUFRJ.”

ex-conselheiro Isaias Bastos, pela dedicação à Comissão de Legislação e Normas, em 2008.

CEG fez estudo preliminar sobre acesso

Um dia antes de o Consuni deliberar sobre a mudança do acesso aos cursos de graduação, o Conselho de Ensino de Graduação (CEG) debateu, em sua sessão de 29 de junho, a decisão sobre a mudança à luz do relatório realizado pela Comissão de Acompanhamento do Acesso aos Cursos de Graduação 2011.

No relatório são apresentados dados comparativos entre duas (Concurso UFRJ e Enem/Sisu) das três formas de acesso aos cursos de graduação da UFRJ em 2011, chamadas de modalidade Ampla Concorrência. Todos os dados apresentados referem-se a vagas ocupadas no primeiro semestre de 2011. Em suas considerações finais, com base na avaliação feita, a Comissão de Acesso recomendou que o concurso de acesso à UFRJ para o ano de 2012 fosse igual ao de 2011.

Apreocupação externada por alguns conselheiros, entre eles o presidente da Comissão de Acesso do CEG, Sergio Guedes, foi a de que se tomasse uma decisão sobre o vestibular sem o conhecimento dos dados e do estudo da comissão. Segundo o estudo, a forma de acesso do Concurso UFRJ teve um desempenho no acesso para o sistema público de ensino municipal ou estadual superior em 50% ao equivalente na forma de acesso Enem/SiSU. O mesmo se repetiu para o sistema federal.

O estudo apontou também que a forma de acesso Enem/SiSU teve desempenho no acesso para o sistema privado superior em cerca de 10% ao do Concurso UFRJ. O desempenho na região da Maré foi sintomático: nenhum dos 7 ingressantes veio pelo Enem/SiSU, na modalidade Ampla Concorrência. Dos 5 que ingressaram via Concurso UFRJ, 2 são oriundos do sistema de ensino municipal ou estadual e 2 do sistema de ensino federal.

SUCESSÃO NA UFRJ

Aloísio Teixeira: “A UFRJ mudou”

Para Aloísio Teixeira, depois de oito anos, a UFRJ é outra. Não só pelas alterações urbanísticas ou pela ampliação expressiva do orçamento, mas também pelas relações que se consolidaram e pela resposta da comunidade às iniciativas. Ele finaliza sua gestão comemorando a adesão da UFRJ ao Sistema de Seleção Unificada do MEC. “Demos um passo importante na mudança dos mecanismos de acesso. Foi um compromisso e acho que dentro daquilo que foi possível fazer nós tivemos êxito”, avaliou.

Aloísio deixa a Reitoria com uma reflexão: “Que universidade a gente quer? A gente quer uma universidade de massa. Para receber os jovens tais como eles são: com ensino fundamental e médio precário, vivendo em condições muitas vezes adversas. Essa é a mudança que a gente quer pensar junto” E conclama: “Vamos desarmar a discussão ideológica e vamos pensar sobre isso.”

■ Que outras propostas foram possíveis realizar?

A Universidade mudou. Acidade universitária é outra. Não só pelos novos prédios, novas ocupações, novo tratamento paisagístico e urbanístico. Não apenas no ambiente em que e a gente trabalha, mas também nas relações que a gente estabeleceu e consolidou ao longo desses oito anos. Boa parte dessa melhora não dependeu do reitor ou da Administração Central.

Quando eu assumi, o orçamento chamado de Outros Custeios de Capital (OCC, fora o de pessoal) era de R\$ 47 milhões. Dos quais não havia nenhum centavo para investimento. Nesse ano de 2011 já são mais de R\$ 400 milhões de reais, dos quais mais de R\$ 100 milhões são para investimento. É uma mudança qualitativa que dependeu da luta das universidades para melhorarem seu orçamento.

As vagas para concurso docente eram uma raridade. Retomaram-se os concursos docentes, e só no ano passado lançamos editais para 800 concursos para professor. Os recursos para pesquisa aumentaram e se tornaram sistemáticos. O Canecão voltou à posse da universidade. A questão da propriedade do terreno na Praia Vermelha foi definitivamente resolvida. É claro que fui a Brasília, ao juiz, ao Supremo. Mas foram decisões (favoráveis à UFRJ) que não foram da Administração Central. Tudo isso compôs um quadro externo muito favorável que não existiu nos anos anteriores e que pode não existir nos próximos anos.

Talvez a coisa mais importante



Foto: Emanuel Marinho

ALOÍSIO TEIXEIRA comandou a UFRJ por oito anos, sai sob aplausos e atribui mudanças a condições favoráveis

que a Reitoria fez foi não criar dificuldades para que se caminhasse no sentido da pacificação interna. Para isso foi importante, por exemplo, a decisão de normalizar a vida dos órgãos colegiados. Demos continuidade ao que a gente chama de plenária de decanos e de diretores onde de fato se decidia. Isso reduziu a fragmentação da universidade.

Como a gente queria uma gestão participativa, inventamos a Reitoria itinerante. Percorremos a universidade várias vezes: para a discussão do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), com a discussão do Plano de Reestruturação e Expansão (PRE) e do Plano Diretor.

■ O que ficou por fazer?

Nós ainda não temos um estatuto com autonomia que permita a universidade planejar o seu desenvolvimento. A universidade, sem mérito para as demais instituições do serviço público, não pode ser tratada da mesma forma. Nós temos problemas que são específicos de uma universidade, que, portanto, deve estar contemplada no âmbito de uma legislação ou de uma institucionalidade diferente e, com uma flexibilidade no uso de recursos orçamentários e na captação de recursos que não é própria de outros órgãos da administração pública.

O segundo problema é que o Reuni não pode se encerrar em 2011

tal como o decreto original previa. Isso pode ser um obstáculo tanto à consolidação das expansões já feitas quanto à continuidade do processo de expansão. Isso não pode ser um programa de um governo. Tem que ser uma política de Estado para que a gente possa reduzir esse hiato que nos separa dos outros países.

Não tivemos força para implantar um verdadeiro sistema de avaliação interno. Há que continuar a luta contra a fragmentação. E acho indispensável que a questão das áreas de Ciências Sociais e Humanidades seja apropriada pela universidade de uma forma diferente. Na verdade, essas áreas de conhecimento foram desprezadas no passado e isso criou uma cultura de introversão e enguetamento que é muito ruim. A solução desse problema não passa apenas por criar guetos de luxo ou melhorar investimentos. É preciso que isso que a gente chama de Humanidades e Ciências Sociais permeie todos os programas de ensino, pesquisa e extensão.

■ Os TAEs estão sem reajuste, há demandas da carreira e o governo não negocia. Como avalia?

Nos final dos anos 80, nós tínhamos quase 14 mil servidores. Hoje são oito mil e poucos. Na verdade, os concursos foram poucos nesses anos. Isso dá uma ideia de como as atividades técnico-administrati-

vas na universidade sofreram um processo violentíssimo de reestruturação. Então, se acumularam insatisfações. O Plano de Cargo Único resolveria muitos problemas, mas infelizmente não pode ir adiante alegadamente por uma razão constitucional. O desvio de função é um problema. Isso aqui é um ambiente de conhecimento. É natural que os técnicos-administrativos que ingressam acabem fazendo faculdade, mestrado, doutorado, e a possibilidade de progressão é muito limitada. Essa é, certamente, uma pauta que continuará na ordem do dia nos próximos anos.

Eu quero chamar atenção para um fato: esta greve foi decidida em uma assembleia com 600 pessoas. Há muito tempo não tenho notícia de uma assembleia assim na UFRJ. Garanto que a maioria é de recém-concursados e não têm tradição de luta sindical nem filiação partidária. No entanto, foram e discutiram. Votaram a greve. Acho que os movimentos organizados devem olhar isso de uma forma muito carinhosa. Porque a gente pode estar vivendo um momento de renascimento do movimento nas universidades. Exatamente pela avalanche de novos servidores.

■ Que projeto gostaria que o próximo reitor continuasse?

O Plano Diretor. É fundamental porque traduz nessa dimensão de ocupação dos espaços, as preocupações que motivaram o PRE. Acho que a discussão sobre vir para o Fundão deve ser enfrentada com calma. Também ela, quando for despida de seus aspectos ideológicos, políticas partidárias e principalmente de comodidade das pessoas, pode adquirir outra dimensão. O caso das unidades isoladas — como a Faculdade de Direito e o IFCS — deve ser visto num ângulo diferente do da Praia Vermelha porque estas não têm a menor condição de programar sua expansão nos prédios onde estão.

A questão da Praia Vermelha é diferente. O sonho da Praia Vermelha, que é de se construir ali um campo de Ciências Sociais, de Humanidades, é um erro do ponto de vista conceitual porque consolida a fragmentação. Eu falei ainda há pouco em gueto de luxo. A gente tem que combater essas ideias. Algumas unidades já decidiram vir para o Fundão. Deixemos que fique clara a melhoria de condições que vão ter aqui e essa razão sairá vencedora.

■ O que pretende fazer agora?

Deixa a vida me levar. Não tem uma música que é assim?



SUCESSÃO NA UFRJ

Levi: meta é garantir Plano Diretor

Foto: Internet

A UFRJ cresceu enormemente em poucos anos. Expandiu cursos, criou cursos novos, ampliou vagas, recebeu novos docentes e técnicos-administrativos. Tem um plano ambicioso de expansão e reestruturação e ainda sonha com o universo de seus cursos em interação efetiva em uma nova Cidade Universitária.

Com a ampliação, e consequente aumento da população no campus, alguns problemas também se destacam, como a questão da segurança, infra-estrutura, moradias, alimentação e transporte.

O reitor Carlos Levi, nomeado no último dia 29, assume a condução de uma das maiores universidades federais do país em solenidade no dia 8 com a proposta de continuar os êxitos da gestão passada em termos de expansão.

Segundo explica, todos os recursos com que o governo se comprometeu para a expansão estão sendo honrados. "No ano que vem, vamos buscar garantir que esse projeto de expansão das universidades federais se torne uma política de Estado, para que tenha continuidade e permanença para além dos governos", ponderou o novo reitor da UFRJ.

■ Quais serão as primeiras medidas?

Há necessidade de transição das equipes, num processo que deve começar já e precisa ser consolidado. Meu engajamento na gestão anterior me permite identificar alguns temas que precisam ter sua continuidade garantida. Desde questões mais gerais, como a expansão dos cursos de graduação e o desenvolvimento da infraestrutura, até questões mais emergenciais, como a recuperação do Palácio Universitário, na Praia Vermelha, da Capela, do anexo da Escola de Serviço Social e o castelo d'água para viabilizar o uso das instalações hidráulicas no espaço do palácio. Também vamos tratar com urgência da necessidade de espaço dos campus de Xerém e Macaé.

Estamos fazendo uma grande aposta na reconfiguração das nossas práticas administrativas para torná-las mais eficientes. É importante registrar a implantação da nossa Superintendência de Políticas Estudantis, com que se pretende garantir prioridades para a coordenação e planejamento das atividades relacionadas a tais políticas. Também pretendemos criar a superintendência dos novos campi para dar apoio mais direto a iniciativas fora da sede, como as de Macaé e Xerém.

E agora, mais que nunca, estamos empenhados em dar sequência ao planejamento que foi aprovado.

Nosso compromisso é garantir a viabilização e a realização daquelas obras do Plano Diretor já iniciadas e planejadas.

■ E as residências universitárias no campus?

Já há um tapume que contorna o terreno próximo ao Instituto de Física, onde vai ser realizada a obra do complexo estudantil envolvendo cerca de 200 unidades de residência universitária. Na parte interna haverá um novo restaurante satélite. A obra deve se estender por 18 a 24 meses. Estamos tentando reconfigurar o espaço atual do nosso alojamento estudantil, e isso deve ter início brevemente.

■ Na campanha havia um conjunto de propostas para o corpo técnico-administrativo, como a defesa da Carreira e a defesa junto aos órgãos federais da aplicação do incentivo à qualificação aos TAEs sem as limitações da Carreira. Qual a prioridade?

Vamos tentar dar sequência a isso. Tenho um conjunto grande de iniciativas, tais como definir o planejamento de curto e médio prazo que nos permita atender a necessidades de alocação de vagas, incluindo estratégia que permita interação, dimensionamento, renovação e expansão do quadro. É uma luta antiga. Tem havido progressos, tais como a implantação dos bancos de equivalentes docentes e técnicos-administrativos. O que representa um grande passo para estancar a deterioração de nossos quadros. Houve alocação de novas vagas, no processo de reestruturação das universidades. Estamos respirando com um pouco mais de facilidade, e essa luta vai permanecer ativa. Tenho expectativas de reverter o atual cenário de forte dependência de terceirizados.

■ O governo insiste no modelo da empresa brasileira de serviços hospitalares que se constitui numa ameaça aos HUs. Qual a posição da Reitoria?

De resistência aos termos em que está proposta essa solução do problema dos extraquadros dos hospitais. Acho que o governo terá condições fortes de fazer valer sua proposta. Mas a gente vai tentar ver até onde pode interferir. Identifico uma grande ameaça aos nossos hospitais universitários ligados ao compromisso forte e indissociável com o ensino, pesquisa e extensão. Acho que corre o grande risco de, num prazo não muito longo, a gente ver descaracterizada essa relação. A universidade já vem se posicionando,



LEVI quer dar sequência ao planejamento aprovado

com moção de repúdio e manifestação contrária aos termos da medida provisória. Temos que fortalecer essa posição e tentar intervir e acompanhar de perto essa discussão.

■ E quanto à situação estrutural do HU? E a promessa de um prédio novo?

Por enquanto estamos empenhados em retirar o entulho. Realizamos os trâmites para o processo licitatório. O prédio novo está no horizonte da nossa expectativa, mas num prazo mínimo de quatro a seis anos. A prioridade atual é garantir as condições de infraestrutura do prédio atual, recuperar as condições de operação.

■ Os profissionais vêm se preocupando com problemas estruturais. No Centro Cirúrgico há juntas de dilatação afastadas e sem proteção. O que a Reitoria pretende fazer?

O prédio tem sido objeto de estudos técnicos. Tenho acompanhado o trabalho dos profissionais da Coppe, que nos tranquilizaram e disseram que não tem perigo. Até onde acompanhei, estava tudo tecnicamente sob controle. Informações desconstruídas acabam gerando boatos. O que deve ser feito rapidamente é a recuperação do material elástico da junta de dilatação e o serviço técnico necessário. Tenho que acompanhar isso e ver a extensão da gravidade.

■ Sequestros-relâmpago têm preocupado a comunidade. O

que pretende fazer quanto à segurança do campus?

Tenho acompanhado os esforços e as decisões relativas ao plano de segurança do campus, que envolve participação da Polícia Militar e Civil. As decisões estão sendo implantadas. Já há recursos alocados para ampliação do sistema de câmeras, com a previsão de fazer portais para controlar os acessos de maneira eletrônica, inicialmente no portão do CCMN. Mas vamos criar também marcos que identifiquem as áreas do campus como áreas públicas, mas de acesso controlado. Esses portais, se acionados por uma necessidade, podem ser fechados. Isso está sendo projetado. Espero que até o final do ano possamos contar com essa solução.

■ Qual sua posição em relação à greve? E quanto a possíveis retaliações, em especiais aos novos servidores?

De apoio aos servidores. Não pode ser diferente. É uma luta justa. Vamos tentar ver como avançamos nesta questão. Acho que o governo cometeu um equívoco ao não definir um projeto de reajuste com um prazo mais longo. Ficou a indecisão, criando expectativas. Isso gera esse clima de intranquilidade que precisa ser revertido.

Quanto ao pessoal do estágio probatório, estamos comprometidos em dar o apoio necessário para evitar esse tipo de diferenciação ou qualquer retaliação.



SAÚDE

SINTUFRJ celebra convênio com a CAURJ



Foto: Emanuel Marinho

REGINA, Leonardo Morgan, diretores da Caurj, na assinatura do convênio com o SINTUFRJ, representado por Neuza Luzia

Na tarde do dia 1º de julho, o SINTUFRJ celebrou convênio com a Caixa de Assistência Universitária do Rio de Janeiro (Caurj) com o objetivo comum de somar esforços para melhor atender a assistência à saúde do sindicalizado com ações de promoção, prevenção e tratamento.

Segundo a presidente da entidade, Regina Célia Magalhães Waltenberg, a Caurj é uma sociedade civil sem fins lucrativos, criada por iniciativa comunitária, desde 1995. “Nosso objetivo é prestar assistência médico-hospitalar, através de planos de saúde, aos servidores ativos, aposentados e pensionistas e aos alunos das instituições de ensino superior e de pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, bem como a seus dependentes”, explicou.

Os diretores da Caurj não são remunerados, seja por salário ou

por distribuição de lucros, seja por qualquer outro título pelos serviços a ela prestados. “Todos os recursos da Caurj são destinados à realização do seu objetivo, que envolve o atendimento médico-hospitalar aos seus associados e também a divulgação e a administração dos seus planos de saúde, assim como ações de promoção de saúde e prevenção de doenças”, informa Regina, comentando: “Um grande diferencial deste plano de saúde Caurj, é que ele pertence a todos nós, associados, e a celebração deste convênio com o SINTUFRJ vem contemplar a ideia de fortalecer a comunidade sob o ponto de vista de termos a partir de agora o nosso plano de saúde.”

Conheça mais sobre o plano de saúde da UFRJ: www.caurj.com.br. Telefones 2542 5085 (geral), 7733 7606 (polo CT), 3104 6354 (polo CCS).

Perguntas frequentes sobre sinusite, gripes e resfriado

Por Leonardo Conrado Sá (otorrinolaringologista)

■ Existe uma época específica em que esses males atacam com mais frequência?

Sim, nos meses mais frios, ocorre um aumento da incidência de casos de doenças nasossinusais, nos quais se incluem as alergias, resfriados, gripes e sinusites. Esse fato acontece não só pela queda das temperaturas, mas também pelo maior índice de poluição nessa época e pelo fato das pessoas procurarem ambientes mais fechados e aglomerados.

■ Quais são as principais diferenças entre os sintomas de cada um? Porque, normalmente, quem sofre de rinite alérgica, por exemplo, muitas vezes confunde com um mero resfriado e, assim, acaba tomando as medicações que não condizem com o problema.

A alergia nasal é também conhecida como rinossinusopatia alérgica, uma vez que acomete também a mucosa (revestimento) dos seios da face. A rinite alérgica é uma doença ocasionada por um desajuste do nosso sistema imunológico, sendo preponderante a presença do anticorpo IgE e de um tipo de célula, o eosinófilo. Trata-se de uma doença crônica, como o *Diabetes mellitus* e a hipertensão arterial, devendo ser tratada para vida toda. As pessoas apresentam principalmente espirros, coriza clara, coceira em nariz e olhos e obstrução nasal. Esses sintomas são desencadeados ou agravados nos

períodos de frio, ou pela exposição a alérgenos e irritantes respiratórios (poeira, ácaro, odores fortes, pelo de animais). Em algumas pessoas, essa doença pode estar associada à asma (bronquite asmática).

O resfriado e a gripe são causados por vírus. No primeiro caso os sintomas são mais brandos, ocorrendo obstrução nasal, leve cansaço, coriza e ocasionalmente febre, sempre baixa. No caso da gripe, os sintomas são mais intensos, cursando com febre mais elevada e maior queda do estado geral. A gripe é causada por alguns grupos específicos de vírus, o vírus da *Influenza* e *Parainfluenza* principalmente. Principalmente na gripe podemos observar comprometimento dos pulmões, podendo favorecer o aparecimento de episódios de asma e pneumonia. Os fatores de risco para o aumento da frequência de gripes e resfriados são a exposição a ambientes com aglomeração de pessoas (creches, igrejas, festas), poluição. A exposição ao frio ainda causa controvérsia quanto a sua importância como fator desencadeador.

A sinusite é uma consequência de uma alteração prévia da fisiologia do nariz e dos seios da face, como a gripe, o resfriado e a rinite alérgica. Decorre da inadequação da drenagem dos seios da face. O quadro mais comum é a persistência, após um quadro de gripe, de secreção nasal

amarelada, tosse que piora quando se deita, nariz entupido, dor em face por mais de 10 dias. O seu diagnóstico depende de uma boa conversa com o paciente e do exame do nariz, que pode ser feito através da endoscopia nasal, um exame realizado em consultório, inclusive em crianças bem pequenas.

■ Qual o problema da automedicação? As pessoas estão acostumadas a tomar decisões quanto aos medicamentos, até mesmo por causa da mídia, que está sempre divulgando produtos variados para o mesmo fim.

A automedicação é sempre

muito perigosa. A diferença entre as doenças, conforme relatei, pode ser muito sutil. Costumo falar para meus pacientes que quando tive problemas com meu carro nunca tentei arrumar, não tenho formação para isso. Delego ao meu mecânico. Da mesma forma, somente o médico, munido de conhecimentos sólidos e de exames adequados, poderá fazer a distinção entre as doenças.

O uso de descongestionantes, utilizados de forma banal para tratar o nariz entupido, pode ocasionar a chamada rinite medicamentosa. Nessa doença ocorre uma al-

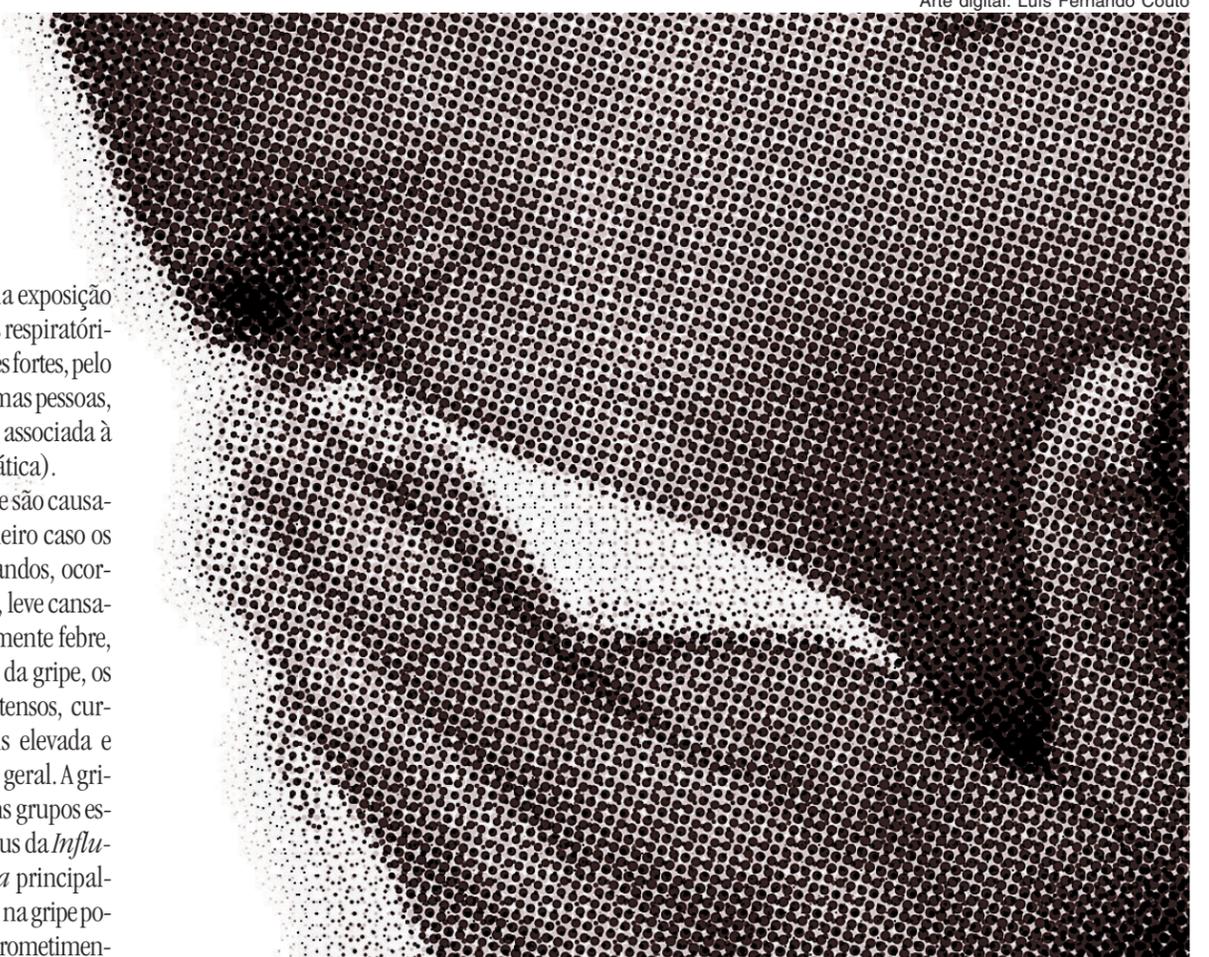
teração definitiva dos cornetos nasais, muitas vezes só corrigida com cirurgia.

O tratamento inadequado de uma sinusite pode desencadear alguns problemas, como a meningite.

■ Além dos medicamentos adequados, como podemos prevenir ou tratar essas infecções, no que se refere à alimentação?

A alimentação saudável, balanceada, rica em legumes e verduras, auxilia, não só na prevenção de resfriados e gripes, mas também de inúmeras outras doenças. Acrescenta-se a isso a prática de exercícios físicos regulares.

Arte digital: Luís Fernando Couto



UNIVERSIDADE

O seminário “A UFRJ em debate: A situação da Praia Vermelha”, promovido pela Adufrj e DCE/UFRJ, entre os dias 27 e 30 de junho, movimentou o campus na Zona Sul da Cidade. A atividade foi encerrada com ato-show no último dia do evento. Na quarta-feira, 28, o tema da mesa O Campus da Praia Vermelha entre o Público e o Privado reuniu os professores Roberto Leher (Faculdade de Educação) e Pablo Benetti (presidente do Comitê Técnico do Plano Diretor da UFRJ), com mediação de Marcelo Corrêa e Castro (decano do CFCH).

UFRJ em debate

Fotos: Emanuel Marinho



ROBERTO LEHER, Marcelo Corrêa e Castro e Pablo Benetti discutem a situação da Praia Vermelha com a plateia, composta por estudantes, professores e técnicos-administrativos: transferência para o Fundão só por consenso



Segundo Pablo Benetti, os principais problemas da universidade já haviam sido diagnosticados e levados a debate desde a elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), em março de 2006. Com isso, o isolamento entre as unidades, a rigidez da estrutura curricular e a fragmentação da UFRJ são questões que foram levantadas e serão revistas pelo Programa de Reestruturação e Expansão (PRE) da UFRJ.

Sobre a transferência das unidades do campus da Praia Vermelha para a Cidade Universitária, Pablo Benetti disse que será por consenso. Ele defende como motivo da transferência a vontade expressa das unidades de expandir os cursos, e isso seria possível, na sua avaliação, na Cidade Universitária. A questão é uma grande polêmica na universidade e gera controvérsias.

O professor Roberto Leher fez sua intervenção afirmando que a reflexão não gira em torno da Praia Vermelha, mas sobre a UFRJ como um todo. “Pensar o campus da Praia Vermelha é pensar a questão das Ciências Sociais e das Humanidades na UFRJ”, disse. “Como também não se pode deixar de pensar no contexto geral e nas transformações do ensino superior no Brasil”, complementou.

Leher afirmou também que a localização em si de um campus universitário não garante a sua democratização, exemplificando a transferência da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha para a Cidade Universitária, em 1973. A transferência não mudou o perfil dos alunos até hoje deste curso considerado o mais elitista da UFRJ.

O professor falou também sobre as novas configurações das universidades em todo o mundo, com a educação superior sendo redesenhada através da mercantilização e do utilitarismo, isto é, quando grandes corporações adquirem e passam a gerir instituições privadas de ensino. É o avanço do privado no espaço público. “A universidade perde a sua capacidade de pensar principalmente soluções para a população e antecipar os problemas sociais”. Por isso, Roberto Leher destaca a importância de manter o debate na UFRJ sem perder a lógica pública.

Técnico-administrativos

Na plateia, composta em sua maioria por estudantes e professores, alguns técnicos-administrativos acompanharam a discussão, como Vera, da Prefeitura, e José Mauro, da Escola de Música. A ex-coordenadora do SINTUFRJ, a professora aposentada Marilena Salazar, saudou a iniciativa do debate.

Coren faz varredura no HU

SINTUFRJ acompanhou o trabalho da força-tarefa do Conselho, que emitirá relatório técnico sobre as condições de trabalho e de contaminação no hospital

Fotos: Emanuel Marinho

A pedido do SINTUFRJ, uma força-tarefa do Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro (Coren-RJ) com 12 fiscais desembarcou na quinta-feira, dia 30, no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) e promoveu uma varredura na unidade, do subsolo ao 13º andar. A ação do órgão foi acompanhada pela coordenadora do Sindicato e enfermeira do Trabalho, Vânia Glória.

O Coren foi acionado em função do ambiente de intranquilidade instalado no hospital desde que houve o primeiro abalo da estrutura, em 2010, e agravado há cerca de 15 dias, quando os profissionais do Centro Cirúrgico constataram novas fissuras e dilatações na estrutura do bloco E, no 12º andar, nas paredes e nos pisos. O medo de uma tragédia aumenta entre os trabalhadores pela ausência de rota de fuga. Depois da demolição da perna-seca, em dezembro, o prédio deixou de contar até com escadas de emergência externas.

Além das brechas entre as ligações dos blocos de concreto no Centro Cirúrgico — o que permite a entrada de ar externo e se ver do lado de fora —, nas últimas semanas engenheiros constataram abalos na estrutura no subsolo e, segundo funcionários, outras rachaduras no 10º andar. Mas laudos técnicos da Coppe dizem que não há risco de desabamento, recomendam a construção de reforço definitivo de dois pilares, para que não haja mais recalques adicionais nestas fundações.

Constatação do perigo

Os fiscais do Coren inspecionaram cada ponto crítico do prédio apontado pela categoria e ouviram os trabalhadores de cada setor. Na Central de Material, no 12º andar, os profissionais interromperam por alguns momentos as atividades para se reunirem com a coordenadora do Departamento de Fiscalização e conselheira do Coren, Ana Teresa Ferreira de Souza, e a dirigente do SINTUFRJ, Vânia Glória.

“Não somos burros, mas até a rota dos aviões foi modificada para não passar sobre o HU. O 10º andar do prédio foi trancado a cadeado, para que ninguém mais veja a enorme rachadura no chão da rouparia”, disse uma técnica



ANA TEREZA e as fiscais do Coren. Ao centro, Vânia Glória cercada pelos auxiliares e técnicos de enfermagem da CME. Ao lado uma das juntas abertas em cujo o vão cabe uma garrafa



de enfermagem.

Outros reivindicaram: “Queremos parecer de fora, como da Defesa Civil, sinalização para rota de fuga e laudo da Segurança e Saúde do Trabalhador”. “Convivemos com fendas, goteiras, fungo, falta de papel higiênico e toalha de papel para enxugar as mãos”.

Segundo vários auxiliares e técnicos de enfermagem, quem trabalha no Centro Cirúrgico e na Central de Material Esterilizado, que ficam no 12º andar, são os últimos a saber das coisas no hospital. Eles lembram, “arrepiaados”, que somente tomaram conhecimento que o prédio sofreu um abalo, antes da demolição da perna-seca, quando encerraram o plantão e desceram. “Foi um choque. Estava todo mundo lá embaixo, carros de bombeiros e Defesa Civil, desde as 14h, mas nós não sabíamos de nada e trabalhamos até as 19h”, contou uma trabalhadora.

A categoria teme que ocorra o mesmo agora, porque não acreditam na sinceridade dos laudos técnicos apresentados pela diretoria. A falta de comunicação da direção do hospital é uma das causas da desconfiança.

Um terço dos trabalhadores do HUCFF, que somam cerca de 4 mil pessoas, compõe as equipes de enfermagem. Por esta razão, o SINTUFRJ mobilizou o Coren-RJ para

dar parecer técnico sobre as condições de trabalho no hospital, explicou a coordenadora Vânia Glória. “Desde os primeiros abalos ocorridos no prédio, as pessoas tiveram problemas sérios de saúde. Por isso o Conselho se organizou numa força-tarefa e se distribuiu pelo HU avaliando as condições de trabalho, problemas de saúde e segurança do trabalho, dentre outros”, complementou a dirigente.

Vânia esclareceu, ainda, que a Central de Material Esterilizado não entrou em greve porque desempenha função essencial à vida. Eles são responsáveis pela esterilização e desinfecção de todos os materiais utilizados no Centro Cirúrgico e nas unidades de internação.

Auxiliares e técnicos de enfermagem disseram que esta foi a primeira vez que o Coren vai ao HU e que gostaram da atuação do órgão. De agora em diante, o SINTUFRJ fará a ponte entre a categoria e o Conselho.

O que diz o Coren

A ação do Coren atendeu a quatro objetivos, explicaram os fiscais: “Observamos se os profissionais estão trabalhando irregularmente, como, por exemplo, com inscrição provisória vencida; dimensionamento adequado, ou, seja, se o HU está com o número necessário de profissionais; sistematização de as-

sistência de enfermagem, que significa a padronização dos procedimentos de enfermagem; e o cumprimento da legislação pertinente à profissão.

Mesmo ainda não tendo emitido o relatório técnico do resultado da força-tarefa, a coordenadora do Departamento de Fiscalização, Ana Teresa de Souza, adiantou ao SINTUFRJ que “a situação no HU é muito grave em relação à categoria de enfermagem. As pessoas estão muito abaladas emocionalmente, por falta de segurança para o desempenho das funções e de risco de contaminação”.

O Coren irá encaminhar o relatório às instituições cabíveis, como Ministério Público, conselhos, sindicatos, Defesa Civil.

Opinião do SINTUFRJ

Segundo Vânia Glória, o SINTUFRJ solicitou a presença do Coren para mostrar que não está fazendo denúncia vazia. “Sem dúvida é importante a opinião técnica de um Conselho profissional para se ter a certeza de que tanto pacientes como trabalhadores estão ali em segurança, em um ambiente com condições de trabalho e sem riscos de contaminação, tendo em vista as brechas que fazem com que o ar de fora entre no Centro Cirúrgico”.

A dirigente destacou a partici-

Defesa Civil no HU

A chefe de serviço do Centro Cirúrgico, Sandra Fonseca, informou que uma engenheira da Defesa Civil esteve no setor, na quinta-feira, 30, e confirmou o laudo da Coppe e do engenheiro do hospital.

pação dos funcionários da Central de Material Esterilizado que se organizou para discutir com o Coren os problemas do dia a dia da enfermagem. “O Sindicato aguarda relatório técnico da fiscalização, incluindo notificações e encaminhamentos a serem tomados pelo Coren. A entidade acompanhará a implementação das notificações nos prazos do Coren para que atenda ao objetivo maior que é garantir condições adequadas de trabalho”, afirmou Vânia.